

GRACE JONES

Irenosen Okojie

Winner, AKO Caine Prize 2020

Translated into the Portuguese by Sandra Tamale

Grace Jones

Irenosen Okojie

Tradução Portuguesa de Sandra Tamele

Assim que as partes tresmalhadas de uma cena cantada encontraram o caminho que ia dar ao quarto, os bordos de ónix cintilantes e as estatuetas sem memórias perderam suas cabeças fundidas para a manhã que nascia, e ela pressionou o seu rosto contra o espaço debaixo do umbral da porta em prantos, esticando o braço para uma mancheia de terra como sustância a agência ligou, Hassan, para ser mais específico. Ela havia reduzido as coisas que planeava fazer naquele dia a três opções, cruas, frias e clínicas, no recibo amarrotado do casaco Roland Mouret da cor das luzes de discoteca que vestira só uma vez. Mas o telefone tocou, estridente, invasivo, exigente. Ainda no chão, a madeira fria contra a sua pele, ela tentativamente gatinhou até ao auscultador, como se os seus membros se desviassem num fio no equador da terra, o fio dobrando e colapsando nos diferentes estágios da vida dela. Ela contemplou no recibo formas para conseguir adiar cada desfecho inevitável. Ela podia engoli-lo, aguardar pela desintegração dentro do seu estômago, ácido a erodir as palavras até ao nada. Ela poderia cagá-lo. Dá para cagar papel? O que peculiarmente encapsularia aquilo que aquilo era: feio. Ou ela poderia simplesmente deixar que se extrviasse algures na flat. Não fora. Definitivamente não fora. Aí desapareceria para sempre. Ela teria de ponderar as opções novamente, acrescentar novas, ralando-as. Esse processo deixou-lhe o cérebro esgotado do dia para a noite, o coração a gotejar pelo buraco da fechadura do quarto, fazendo som de chupar enquanto as suas mãos se transformavam em cera. O recibo teria de ser extraviado dentro de casa. O que lhe daria a opção de tentar esticar os limites do tempo apesar da ferida interna na forma de um torreão. Na cabeça dela, o desenhista era Deus. Foi ele quem pôs o torreão dentro do peito dela. Antes, ele desenhara-a em vários ângulos, linhas de um azul eléctrico passando graus de choque do mesmo incidente. Toda vez que ela se levantava, ela sentia o peso do torreão a despencar no éter.

Ela levantou o auscultador, aninhou-o firmemente, com cuidado para não deixar que lhe caísse das mãos como acontecia com as coisas ultimamente. Por alguns segundos houve silêncio do outro lado. Ela sabia que era Hassan. Ele normalmente aguardava várias batidas antes de falar, como se te desse tempo para te ajustares a uma frequência diferente. Ele nunca se apresentava. Ele estava à espera que soubesses, só. E ela sabia sempre.

Sidra, hoje há festa. Não tens de ir, mas pode animar. O gajo é um grande fã da Grace Jones. Mandei o endereço por SMS. Faz a tua cena. Em caso de problema, liga-me. Cool?

Podes contar.

Aí ela quase lhe falou do desenhista. Ela viu-se a querer fazê-lo nas alturas mais inesperadas. Em vez disso ela poisou o auscultador, com as mãos trêmulas.

Ela olhou para a mesa a tentar encontrar o recibo. Tinha caído no chão ao lado do aquecedor, já a extraviar-se. Ela tinha-se esquecido de contar a Hassan que estava a considerar um curso nocturno uma vez por semana. Eles eram assim, tantas coisas constantemente a ficarem por dizer. Ela nunca lhe perguntou o que fazia um homem Franco-Argelino a gerir uma agência de sócias em Londres entre outras coisas. E ele nunca perguntou o que uma moça da Martinica com uma licenciatura forense fazia a fazer biscoitos como imitadora da Grace Jones, as versões traduzidas deles próprios fixando uma à outra silenciosamente em lados opostos de uma porta giratória.

Havia o que restava da casca de um prédio; uma carcaça enegrecida, acarvoada esventrada de dentro para fora. A carcaça encostava-se contra os céus em protesto pelas suas perdas, ao seu céu interno raptado manchado de dedadas de uma última procissão diária, rituais dos vivos. E enquanto o mundo dormia, despertava, as cidades murmuram caos e ordem; rios começam em bolsos de algodão lassos punhos em concha; as águas

ondulando até reflexos perdidos; os deuses pedrados com as cores dos mares; o equador ajustou-se só um bocadinho; as estrelas brilharam em aleatório conluio; as montanhas marteladas por rajadas de ventos cor de pele que se tornam direcções pessoais; o prédio resistiu, entranha artificial banhada em graus de luz, alojada nos estágios de um dia. O prédio era um vazão dentro de uma carcaça dentro de uma casaca dentro de um mundo dentro de uma galáxia; uma série de caixas tortas de vários tamanhos onde o presente dentro de cada uma era sempre o mesmo, sempre preso a um fundo desaparecido. Em cada andar da casca, Sidra corria para trás para o fim da tarde de um dia. Tinha sido encaixotado em caixas de cartão seladas com fita cola. Em cada andar Sidra descolava a fita-cola, o som uma rachada no ar cuja linha não se pode traçar. Os itens tirados da caixa. O fim da tarde nesse dia era feito de ingredientes de bolo: ovos, farinha, manteiga, açúcar, papel de prata, uma batedeira, baunilha.

Em cada andar Sidra corria para a janela onde ficava em indumentárias feitas de papel de prata.

No primeiro andar ela estava coberta de ovo, a gritar.

No segundo andar ela estava polvilhada de farinha, a uivar.

No terceiro andar ela estava barrada de manteiga, a derreter com o intensificar do calor enquanto a batedeira zunia ominosamente na periferia.

E por aí em diante.

‘La Vie en Rose’ da Grace Jones tocava num rádio ligado a nenhuma tomada.

Em vez disso a tomada saltava do fundo do prédio, como uma raiz eléctrica desfiada.

A casca abanou.

Em cada andar Sidra agarrava na batedeira. Cenas perdidas caíam das janelas; a água era imprópria. Mangueiras pulsavam com adrenalina e queimavam corações; armadilhas mortíferas, os elevadores voltavam a ficar presos vomitando fatos de bombeiro como infestação de insectos tecidos. Como o génesis sob o efeito de speed, tudo num rápido escalar. Cinzas ajuntadas em estatuetas a gatinhar nas cêrceas antes de colidir com tráfego, que voltou a destruí-las.

O equador virou uma fracção.

As chamas subiram.

Os fundos das caixas tortas arderam em chamas.

Destroços viraram cinzas incandescentes que caminham.

Um ponto apareceu na galáxia.

O desenhista segurava uma chama que angulou como um pau de chumbo, como uma ferramenta que podia a qualquer momento mudar feições.

Sidra viu Grace pela primeira vez na TV. Ela na altura devia ter uns treze anos. Ela tinha perseguido Carla e Dorian, que estavam a brincar com um jogo de chaves de fenda atrás do sofá, atirando-se para trás e para frente num falso jogo de esgrima, a gritar “*En garde!*” esporadicamente, brandindo as chaves de fenda como espadas compridas, elegantemente esculpidas. A máquina de lavar estava a girar. As janelas estavam abertas para esconder indícios do seu falhanço na tentativa do Gombo. O alarme de incêndio estava avariado. Meia hora antes, tinha bipado incessantemente. Nos seus esforços frustrados para silenciá-lo, partira-o com uma vassoura. Mas nada disso importava porque uma mulher que se parecia com ela estava na TV. Atraída para o ecrã por um instinto que ela não entendia muito bem, olhava especada. Era a BBC1. Ela nunca vira no ecrã uma mulher negra tão escura e assumida. Era linda e ela estava hipnotizada.

Vestida de macacão todo preto, a mulher era alta, marcante, de outro mundo, confiante. Sua boca pintada de vermelho carro dos bombeiros, sua cabeça num capacete amarelado da forma de ninho de abelha. Sidra quase esperava que um enxame de abelhas sobrevoasse a cabeça da mulher, a abelha-rainha em acção. Ela sentiu como se tivessem partilhado o mesmo útero, separadas por algumas décadas e um rasto de cera de abelha com ADN e endométrio mútuo.

Grace Jones, disseram eles. Grace Jones.

Ela repetiu as palavras em voz alta, sentindo-as rolar da sua língua enquanto a máquina de lavar girava, enquanto Carla e Dorian trocavam as chaves de fenda por brinquedos Power Ranger declarando guerras em dialecto. O ecrã saltou, tremeluziu, a imagem desapareceu.

Grace tinha-lhe sido trazida num sinal de Júpiter. Ela apanhou o cabide no chão detrás da TV, esticou a cabeça curva e inseriu-a na tomada da antena da TV. A imagem regressou. Grace desvanecera, substituída por uma coisa sobre uma marca de leite infectado. Ficou de coração partido, mas a imagem de Grace ficou-lhe gravada como a ferro e fogo na cabeça. Ela correu para o quarto da mãe, abriu as gavetas de maquilhagem à procura dos batons, a fazer beicinho com os lábios. Ela escancarou a porta do guarda-fatos, os seus espelhos multiplicando-a automaticamente. Ela mergulhou dentro. No escuro, ela escutou o bater de uma asa. Uma abelha com uma boca vermelha carro dos bombeiros flutuava num rasto de estática.

Sidra saltou para dentro um táxi para ir a Dulwich Este, o casaco Roland Mouret a brilhar na noite fria. O seu perfume Yves St Laurent misturado a um aroma que estranhamente cheirava a pot-pourri. O seu macacão de veludo encarnado sem costas quente e luxuoso contra a sua pele. No assento de trás, ela descortinava a parte de cima do seu rosto no espelho retrovisor; curto atrás e dos lados, não dá trabalho, pronto para sair. Uma miniatura de uma lâmpada Aladdinesca dourada balançava pendurada no espelho. Ela enterrou-se no assento enquanto a cidade se desdobrava, dedos a traçar possibilidades no breu, imaginando a lâmpada a despejar gasolina na bacia de um vestido que ela tinha decidido não usar. Ela rodou o manípulo baixando a janela enquanto o taxista falava incessantemente sobre ser um rapaz de Damasco. A brisa fresca picava-lhe a pele. Ela fechou os olhos, as divagações do taxista a gotejarem-lhe para dentro quase subconscientemente.

Há alguns anos que ela não ia para Dulwich Este. Não ia desde que trabalhou para uma empresa de massagens móveis por uma semana. Naquele primeiro trabalho, ela encontrou um homem esbelto, de óculos, de estatura mediana a regar a relva fora de uma casa grande vestindo um robe de seda tipo kimono. Ele ajustava intermitentemente os óculos de aros de ferro pendurados no nariz como por hábito. A casa parecia saída da revista Wallpaper; futurista, ligeiramente incongruente naquela arborizada rua suburbana. Ele abandonou a mangueira, agradado pelo aspecto dela, movimentou-se na direcção da porta principal aberta. Eles entraram. No corredor, ele desapareceu durante um minuto se tanto depois reapareceu com uma toalha na mão. Entregou-lhe a toalha, instruindo que se trocasse na casa de banho de baixo ali à frente, 150 Libras por quarenta e cinco minutos de massagem topless.

Ela preparou-se. Vestida de calcinhas pretas, meias de rede, cinta liga e uma capa prateada ela subiu as escadas onde o encontrou no quarto de casal num fato de luta livre néon. Eles lutaram durante dez minutos. A seguir ela besuntou-lhe a cara com creme, empurrando-lhe a cara para baixo dentro da poça de branco no chão de madeira, forçando-o a lambar. A seguir, despiu-se na cama, a luz fracturante no candelabro, e ela amassou-lhe as costas peludas. Ele gemia, elogiando-lhe o calor das mãos.

O fogo para ele começou na casa de banho com o desenhista sentado no bordo da banheira vestindo a capa prateada dela, a sorrir em encorajamento.

Nessa semana, os incêndios começaram toda vez numa divisão diferente; numa cave, num escritório, num solário. Sidra nunca esqueceria aquele primeiro; o kimono de seda a bandeirar aberto revelando uma extensão de coxa, uma linha de pelos trepadeira para dentro da virilha, o relógio de cuco com uma mulher minúscula cujos braços eram as mãos do tempo, cuja boca de cuco estava besuntada de fuligem que se espalharia, a ironia do aspersor

ainda a girar na relva quando ela saiu, regando grãos de segredos vespertinos antes do lapso de silêncio.

“*Bem-vinda!*” Anunciou ela teatralmente. “*Estás fabulosa.*” Acrescentou, pondo-se de lado para deixar Sidra entrar. O bafo de ar quente cheirava a loção de barba cara, tartes de carne picada, perfume. A decoração era elegantemente neutra, com tons de cor aqui e ali. Sidra levantou a cabeça. Havia três pisos, pelo que conseguia ver. Corpos por todo lado, empurrando, deslizando e serpenteando como se tivessem saltado de latas gigantes e oleados num brilho sacarino pelo excesso, os tectos afiados de lata aberta bordejando perto das suas testas quando se moviam. Ela despiu o casaco, deslizando-o por cima do braço quando um sócia do Rod Stewart se aproximou oferecendo-se para o levar. Ela recusou, olhando para além dele para uma travessa de *hors d’oeuvres* a ser servida por um sócia do Pee-Wee Herman de fato cinzento, *brogues* brancos, encimado por um laçarote vermelho. Ela mediu os convidados. Não havia negros. Ela não planeava servir nenhum *hors d’oeuvres*. *Que se foda esta merda*. Ela estava acostumada a ser a única sócia mulher e negra neste tipo de encontro a menos que aparecesse a Tina Turner, cortando-lhe o oxigénio e a atenção. A Tina não estava. Graças a Deus.

Marilyn Monroe poisou suavemente o seu copo de vinho branco. Tirou a taça de pé oco. “*És tão parecida com ela*”. Disse Sidra, oferecendo o que todo sócia queria ouvir.

Marilyn corou. “*Meu coração saltou de alegria*”, respondeu com falta de ar numa imitação perfeita do seu ídolo. “*Luigi está do outro lado da sala*”.

Sidra seguiu o som do piano até Luigi, o seu anfitrião, um realizador de filmes entusiasta, atarracado, calvo, coberto de jóias, que com a sua presença tornava a frase ‘notoriamente extravagante’ inadequada. Celebrando a sua *soiree* anual de fim de ano, estava sentado à frente de um piano preto polido ladeado de três Vénus que lhe davam de comer miniaturas de fatias de salmão com natas sobre minúsculas massas folhadas. Encantado, Luigi apontou para ela. “*Encosta aqui atrás, pita!*”

Ele martelava as teclas do piano dramaticamente. Uma multidão circundou-a. Sidra puxou a alça da bolsa para cima no ombro. A pequena multidão estava embevecida, mal se segurando para não tentar tocar-lhe com o braço esticado, tilintando uns contra os outros.

Ela sorria nesta parte daquilo que era essencialmente uma cerimónia, um espectáculo. Esta parte sabia sempre bem. Os corpos inclinados para a frente, apertando debaixo do braço os copos de vinho. O desenhista apareceu por trás deles segurando duas chaves de fenda de cabo amarelo. Havia línguas nas taças de vinho, a flutuar, e depois enrolando a meio do grito, afundando para o fundo. Sidra fechou momentaneamente os olhos quando o seu cérebro começou a zumbir. Ela desapareceu no seu novo papel: Grace Jones.

Vários meses antes, tinha havido outra festa, um baile de máscaras em Paris num antigo museu na fronteira dos *Champs Elysées*. Lá em negócios, Hassan informou-lhe que ele podia ir ou não ir. Ele era assim esquivo. Ela nunca sabia quando ele apareceria para manter os eventos debaixo de olho. Como dono da agência ele precisava, ocasionalmente se materializava para manter o bando de sócias na linha.

Ela deixou para trás as multidões a misturarem-se, abrindo caminho por um labirinto de quartos decadentistas até entrar num lá no fundo do edifício. Pinturas surrealistas originais penduradas nas paredes, tanques cheios de luas estrelas do mar pulsavam lenta e ritmicamente em águas calmas, contidas, iluminadas. Um sarcófago egípcio dourado e fundo deitado aberto. Ela passava os dedos pelos frisos quando sentiu uma mão nas costas, um dedo a desenhar círculos lentamente. Aquele toque tinha algo de familiar. Ela encostou-se a ele, mal preparada para resistir ao friozinho que lhe crescia na barriga.

“Hassan?” Ela virou-se. O homem não falou. Ele vestia uma máscara prateada de desenho intrincado. Não havia forma de perceber-lhe o rosto. Vestido num fato azul meia-

noite de corte requintado, que lhe favorecia o tom da pele, ele lembrava-lhe Hassan. Ele era similar na altura, estatura, alto e esbelto, provavelmente árabe. Ele tinha na cabeça os mesmos caracóis. Um cheiro a charutos cubanos de pontas forradas a licor emanava dele. Ele possuía o mesmo brilho divertido nos olhos. Em vez de lhe responder, ele pegou-lhe na mão, levou-a até ao caixão forrado a seda. Ele meteu a mão debaixo da sua saia de gala volumosa cor de terracota, despiu-lhe as calcinhas. Ele abriu-lhe o cu, enterrando ali a sua língua, lambendo e chupando guloso, gemendo enquanto a língua aos círculos, dardejava e fodia-lhe o recto como se de uma orquídea comestível se tratasse. Ele fodeu-a naquele caixão sem tirar um ponto da roupa. Eles realinharam-se, almofadados por dobras de tecido. Sidra revelou-lhe o segredo enquanto se vinha, incapaz de compreender como havia emergido de uma toca dentro dela. Ele não reagiu, como se não a tivesse escutado. Ao sair do caixão, o seu silêncio era uma língua partilhada. Ele beijou-lhe o pescoço ternamente antes de se ir. As luas estrelas do mar saíram dos seus tanques, flutuaram na direcção dela, o seu tempo a esgotar-se.

De volta ao espaço principal, ela scaneou as multidões driblando em direcções diferentes. Ele evaporara. Ela dirigiu-se para o exterior para recuperar o fôlego no pátio. As luas estrelas do mar transformaram-se em cogumelos a caírem-lhe da pele.

Três semanas depois em Londres, Hassan convidou-a para um almoço de trabalho. Ele, claro, estava imaculado num blazer Oswald Boateng cor de teca, gola alta e calças pretas. Ele tinha um jeito de fazer instruções soarem a sugestões casuais, apesar de com um tom subjacente que clarificava que ele falava absolutamente a sério. No meio do seu briefing, ela vislumbrou uma expressão inesperada no rosto dele. Ela fez um gesto na direcção da bolsa para pagar metade da conta. Ele observava-a como se a conhecesse intimamente. Era um olhar caloroso, malandro, tão breve que mais tarde ela pensou tê-lo imaginado. A seguir, o seu olhar amadeirou, a sua expressão escureceu. *“É um gig fácil. Não importa se estás grossa ou não, evita sair com alguém que não conheces. Não quero uma puta numa paragem cardíaca aos trinta e picos. E fica longe de cenas com vestígios de amendoim. És alérgica. Lembras-te daquela vez que a tua cara inchou? Parecias a mulher elefante.”* Disse ele com uma risadinha.

Sidra constrangeu-se internamente com a memória. Claro que ele se recordava daquele incidente embaraçoso. Ele falou-lhe da sua viagem para a Grécia, do trabalho que fazia a aprovisionar e coordenar a assistência aos refugiados lá. Ele falou apaixonadamente por algum tempo, contando carinhosamente estórias divertidas de alguns dos personagens que ele encontrara, particularmente as crianças, a loucura que eram os acampamentos, a camaradagem formada apesar do desespero da sua situação. Ela não esperava aquele nível de generosidade dele. Na verdade, ela sabia muito pouco sobre ele fora da sua relação de trabalho. Ela até suspeitava que as suas revelações ocasionais eram calculadas, apesar de não ter a certeza para que fim.

“Tens alguma coisa para me dizer?” perguntou. *“Algo que te deixa triste no trabalho?”* Ele deu-lhe uma leve cotovelada.

Uma mão dentro da bolsa, Sidra agarrou no frasco de perfume. O desenhista materializou, de pé ao lado do Hassan com fumo a evoluir-se das suas roupas. Os seus instrumentos de desenho estavam partidos nas suas mãos. Os dedos de Sidra tremeram.

“Tenho de ir.” Ela levantou-se abruptamente, derrubando um prato contendo os últimos restos de uma omelete. Ela começou a agarrar notas dentro da carteira. Hassan fechou a cara. Ela poisou a bolsa.

Marilyn Monroe passou a gingar segurando uma travessa de queijo azul aos cubos. Sidra agarrou num pedaço perto da escadaria, atirando-o para a boca; ela saboreou o gosto para submergir a sensação de enjoo que subia na sua barriga.

O incêndio que começou tudo tinha sido um acidente, foi o que lhe disseram. Nesse dia, a mãe dela, Marianne, tendo trocado turnos com uma colega, regressou à flat no fim da tarde. Frequentemente por não saber onde deixava as chaves, ela tocava a campainha. Beijava-os, admoestava rapidamente Carla e Dorian pelas peças do puzzle das tartarugas ninja espalhadas pelo chão do corredor, passando por Sidra na cozinha a vasculhar os armários, ingredientes dispostos na mesa. “Espero que o jantar não seja só bolo,” disse ela a sorrir, antes de descascar o uniforme de enfermeira e gatinhar para a cama. Na mesa da cozinha, Sidra escreveu uma breve lista. Tinham ficado sem essência de baunilha, a farinha não chegava, já não havia açúcar refinado. Ela enfiou o casaco, sapatinhas. Deu duas voltas na fechadura com as chaves dela, como fazia muitas vezes quando precisava de dar um pulinho lá fora, deixando brevemente os irmãos sozinhos. O elevador cheirava a mijo e catinga, resmungando descia os catorze andares, estremecendo como se a cuspiisse numa saída além dos confins do edifício. Ela partiu, ele lembrando-lhe que tinha derrubado o rolo de papel de prata no chão da cozinha, deixando as portas da geleira e do armário abertas, Carla e Dorian a discutirem por causa de um avião de brinquedo partido. Ela recordaria estes detalhes mais tarde. Pesá-los-ia nas suas mãos, embrulhá-los-ia em papel de prata, passá-los-ia pelo buraco que se expandia no peito dela, vendo-os chegar numa periferia, ensanguentados, disformes apesar do seu véu de proteção.

Foi a essência de baunilha que a atrason. Tinha acabado em toda a zona. Ela teve de descer a pé até ao cash-and-carry no fim da rua principal para encontrar um frasco. Quarenta minutos bastaram para perder tudo. Ela regressou e encontrou o quarteirão engolido em chamas. O incêndio era feroz. Pessoas saltavam das janelas dos andares de baixo; bebês eram atirados em edredões; lençóis eram usados como cordas improvisadas. O crepitar do fogo, os gritos de pânico estrangularam-na internamente. Ela entornou as compras no horizonte, o açúcar refinado enegrecido por um trilho de fuligem, o frasco de baunilha a respirar fumo, a farinha a polvilhar árvores, janelas, mãos nos volantes do carro a guiar, dedos enfiados em ignições no lugar das chaves. Não importava em qual elemento da cena ela tropeçava inesperadamente, a sua mãe, Carla e Dorian estavam encurralados. O incêndio grassava. O irmão e a irmã morreram nos braços da mãe. Impotente, Sidra permaneceu de pé no passeio a olhar para cima, a gritar, uma peça de xadrez rachada tropeçando entre os bombeiros, as mangueiras, a multidão.

Ela trancara a família para a proteger. Ela trancara a família lá dentro, matando-os a todos.

As partes desta memória sempre convergiam no mesmo final inevitável.

Ela tinha tirado as chaves, as mãos a tremerem incontrolavelmente, a boca a balbuciar mãe, bolo, geleira, elevador, uniforme. Ela tentou meter a chave nos nomes deles como se fossem fechaduras que abririam, materializando-os nos seus braços para ela poder voltar a respirar. Em vez disso as chaves emperravam, recusando-se a girar. Emperravam em cada abertura, cada possibilidade de resgate. Nos anos que se seguiram, Sidra encontraria vez após vez as suas ações desse dia. E o desenhista começou a aparecer.

A festa continuou, uma besta mal contida, várias cabeças a despontar enquanto a cêrcea se desdobrava. Pee-Wee Herman ajoelhou-se no portão do jardim a beber Dom Perignon do sapato de outro homem. Luigi tinha desaparecido da sua própria celebração. Uma contorcionista de cabelo prateado deitada espalhada por cima do piano, contorcendo e depois enrolando o seu corpo em formas surpreendentes enquanto fitas berrantes lhe jorravam da boca. Pessoas snifavam linhas de coca nas escadas, nas casas de banho, no chão da despensa. Na casa de banho do rés-do-chão havia corpos na banheira, manequins vestidos a pestanejar na luz crua, derrubados pelo deboche e excesso. Havia pessoas a foder em tendas na relva, o ar frio mosqueando-lhes a pele, as luzinhas decorativas a tinir como se a indicar que as tendas poderiam desabar, dobrando-se em corpos como parte da emoção.

Dentro da cozinha, Sidra pensou nos instrumentos afiados que abriram caminho até as margens da vida dela, em como perdiam o fio contra o corpo dela. Ela esticou o braço até uma ameixa na fruteira sobre o tampo de mármore cinza da ilha. Em vez de caroço, no olho da mente dela a fruta tinha miniaturas de frascos de essência de baunilha enegrecidos e a

entornar elixir por múltiplas mortes. Ela pegou na ameixa. O desenhista deu uma dentada. Ela olhou para o corredor. Havia corpos corrimão acima a descamar pele de jacaré, bocas a segurar seus vícios entre dentes arrancados, pés gotejando reflexos líquidos.

O desenhista acabou a ameixa. Sidra bebeu outro golo de vinho, olhou para cima para os padrões dos remoinhos no tecto branco, ansiando por alguma entidade para puxá-la pela ferrugem, madeira, metal, osso, realizar uma escavação que a deixaria mudada. Ela sentia-se vazia, esventrada. Ela tinha-se aclimatado a cenas desta natureza, ajustando-se em graus como o regulador do aquecedor.

Antes de o bloco da torre se transformar numa casca queimada erguia-se ali no seu lugar uma velha gráfica. Antes da gráfica havia materiais de construção. Antes destes materiais de construção havia um desenhista chamado Alrik, armado com uma visão. Antes da visão havia uma viagem perigosa, a travessia do oceano Atlântico para a Inglaterra de barco. Alrik deixara para trás um filho pequeno e uma esposa espirituosa, cujos planos de juntarem-se a ele em Londres animavam-no enquanto procurava emprego. Mas a esposa e o filho morreram de Cólera a fazer aquela mesma viagem, que para ele tinha sido carregada de fome, curiosidade e maravilha perante o potencial da sua vida nova. Os corpos deles foram atirados ao mar frio e agitado. Desamparado e com o coração destroçado, Alrik passava o tempo a entorpecer a dor nos antros de ópio de Londres. Foi num desses antros que a imagem da gráfica lhe veio, um edifício onde homens imprimiam infundáveis rolos de papel, um edifício cumeado por um torreão, um tipo de assinatura, uma referência às suas viagens para além das Américas. A imagem ficou arraigada na sua memória nessa noite no antro em Lime house, flutuando tentadora entre novelos de fumo. Por aí um mês depois, Alrik arranjou emprego numa empresa de construção. Foi subindo pelo trabalho árduo. Quando a gráfica foi erigida em 1920 ele tinha casado a filha de um merceiro chamada Bethany. Eles tinham três filhos. Ele continuou a esboçar desenhos para outros projectos, mas a gráfica foi sempre o seu preferido porque lhe veio durante um período de grande dor, as suas linhas de alguma forma tornadas indeléveis na sua corrente sanguínea, construída em memória da primeira esposa e filho. Antes de morrer, Alrik ficou grato por o edifício sobreviver-lo. Em 1970 a sua bela gráfica foi demolida, mal tendo sido usada como museu uns anos, e substituída por uma feia torre de blocos de flats. Ressurecto dos escombros, Alrik começou a vaguear regularmente pela torre de blocos de flats. Ele entrava nas flats das pessoas, respirava contra portas de fornos, quadros eléctricos. Ele procurava o seu falecido reflexo nos seus espelhos. Ressentido, irado, criava pequenos acidentes que os ocupantes inconscientemente assumiam a responsabilidade. Insatisfeito, ao longo dos anos começou a preparar um acidente maior digno da sua perda. Primeiro, ele simplesmente mexia a fiação do prédio, certificando-se que os elevadores avariassem aqui e ali, e removia os extintores de incêndio. Com o tempo, os actos maliciosos cresceram, o desenhista cultivou o seu apetite por destruição.

Sidra conheceu a verdadeira Grace Jones uma vez depois de um concerto no Royal Albert Hall ao qual, como era de praxe, Grace chegara uma hora atrasada. Ela emboscou-a no fim perto da entrada dos bastidores, lutando contra outros corpos que empurravam para fazer o mesmo.

“Grace!” tinha gritado, acometida pela excitação. “*Dizem que sou parecida contigo*”.

Grace, enfeitada num vestido justo de chiffon transparente, botas cor de vinho até ao joelho e óculos 3D brancos sorriu paciente e tolerantemente. “*Quehbhida, a imitação é para pagãos, mas tu és divina.*”

Sidra encontrou Luigi a estrangular uma das Vénus no jardim secreto detrás de um jardimzinho fronteiro, de aspecto mais normal. Era ao comprido. Vénus estava tão fora que mal conseguia dar luta ou gritar. Os pés pontapeavam frouxamente. A cauda manchada do vestido de lantejoulas era uma cauda de peixe ancorada no Jardim do Éden errado. Um pouco instável, Sidra poisou o casaco. Ela saltou sobre Luigi a esmurrar-lhe as costas “*Solta-a!*”

As calcinhas da Vénus tinham desaparecido; já havia hematomas a formarem-se nas coxas dela. Para um baixinho rotundo, Luigi era surpreendentemente forte. Mal reconhecível como o anfitrião charmoso que ela tinha encontrado algumas horas antes, ele vestia uma expressão gélida, fria. “*Vai-te foder, sua puta!*”. Virando-se ele esmurrou Sidra na cara repetidamente. Vénus fixava com o olhar vazio um céu nocturno que não a salvaria. Sidra caiu para trás. O vento abandonou-lhe o corpo. A cabeça dela girava; a bolsa voava no ar. Ela sentiu o peso do frasco de perfume a deslizar quando se movia. Sangue pingava-lhe do nariz para a boca. A face latejava. Ela olhou para o casaco Roland Mouret, meio à espera que se transmutasse em para-quedas, uma distração estonteante, brilhante para a dor na sua cabeça, que parecia que ia fracturar. A seguir estavam ali mais quatro sócias da Grace Jones vestidas tal e qual ela. Todas esticaram o braço para apanhar a bolsa, um item que a acompanhava constantemente; petróleo em frasco de perfume, um coração pulsante liquefeito. O desenhista reemergiu e todos os dedos dele eram chamas.

O incêndio em casa do Luigi foi voraz. Tal como todos os outros. Engoliu de uma só vez o glorioso edifício, rasgou o telhado. Soprou fumo preto, cuspiu corpos aos gritos para fora. Na relva da frente, Sidra tossia de tanto fumo nos pulmões. Luigi engolfado em chamas, corria erraticamente, um brinquedo animado, tentando apagar-se.

As tendas pálidas, vazias de corpos estavam em chamas; as cabeças dos cisnes de gelo tinham derretido, os restos das suas figuras a emagrecerem em gozo; o homem arbusto gigante tinha perdido a serra eléctrica. Sirenes de ambulância e carro de bombeiros gritavam na distância.

Uma figura familiar correu na direcção dela. Hassan. Ele tinha um aspecto desgrenhado, meio em pânico, uma expressão fechada no rosto. Este homem que estava sempre frio, calmo e seguro agarrou-a aliviado. “*Graças a Deus! Isto deu no noticiário. Estava fora de mim de tanta preocupação. Vais provocar-me lesões internas antes dos quarenta*”. Segurou-lhe no rosto espancado nas conchas das mãos. “*Quem fez isto? Eu mato o gajo.*”

Ela tentou falar, mas não conseguia. O que queria dizer era: ninguém conseguiu ouvi-la gritar silenciosamente por dentro todos estes anos? Ninguém nesta porra de mundo podia ter metido a porra das mãos nas tripas dela para encontrar uma coisa pontiaguda e bela para ela segurar contra a luz? Ninguém conseguiu ver que ela desapareceu na Grace Jones porque a dor, a culpa, a solidão de ser ela própria era insuportável? Ninguém podia ter-lhe recordado a coisa preferida de se estar vivo porque ela se esquecera? Ninguém podia ter encontrado a gema brilhante que ela perdera no assento traseiro de um táxi numa tarde chuvosa, e apresentar-lha como um recomeço? Ninguém podia só ter sido carinhoso?

Ela enfiou a mão no bolso do casaco. Um recibo espreitou, caiu. Ela não se lembrava de tê-lo enfiado ali, mas devia ter feito. Miraculosamente, tinha sobrevivido ao incêndio. Ela tirou a criatura, de dentro para fora disfarçada de recibo amarrotado. Ela perguntou-se se irritaria ao desenhista. Hassan segurou no recibo, vislumbrando as três opções que ela escrevera. Abalado, ele fixou como se segurasse no pino de uma granada com o mundo preso a ele. Ele rasgou o recibo, os pedaços esvoaçaram no ar frio enquanto o fogo rugia atrás deles.

“*Quando estiveres pronta, conta-me o que tinhas medo de contar.*” sugeriu ele. Aí ela começou a chorar. Ele abraçou-a, pressionou a boca contra o pulsar no pescoço dela como se fosse uma luz viajante, como se fosse transformar-se em mercúrio até ele acabar de descobrir. Ele agarrou-se a ela. Eles agarraram-se bem preparando-se para o embate do mau tempo nas rachas, para o próximo traço do desenhista.

The story “Grace Jones” by Irenosen Okojie is taken from the collection ‘NUDIBRANCH’ published in print form and as an e-book by Dialogue Books.